

Nervoso, senador ataca Fernando Henrique e José Serra e avisa que vai recorrer à ONU e à OEA para fiscalizar as eleições de outubro

# Sarney joga pedra no ninho tucano

Ana Beatriz Magno  
Da equipe do Correio

Foi um discurso de aliado traído, temperado pelo rancor e com a liturgia de um ex-presidente da República. Às 15h28 quando o senador José Sarney (PMDB-AP) subiu à tribuna do Senado, o que era burburinho virou silêncio. De cabelo e bigode impecavelmente penteados, ele começou a ler as 28 páginas de seu pronunciamento.

Nervoso, por vezes gaguejou. Não revelou novidades bombásticas e jurou que não estava ali para defender a filha e governadora do Maranhão, Roseana, mas sim para proteger a democracia. "Venho cumprir meu dever de homem de Estado, responsável pela transição democrática. Falo na condição de ex-presidente", disse.

Falou durante setenta minutos. Não autorizou apartes. Combinou citações do padre jesuíta Antonio Vieira com ataques ao ex-ministro da Saúde José Serra e sucessivas insinuações de que as eleições presidenciais estão comprometidas. Foi interrompido por aplausos ao sugerir que uma comissão das Nações Unidas acompanhe o pleito de outubro.

"Irei bater nas portas da ONU, da OEA e onde for necessário, pedindo observadores para as eleições, a fim de assegurar a vigilância internacional da nossa sucessão", prometia, enquanto, o líder do governo, Artur da Távola (PSDB-RJ), curvado sobre a bancada, transmitia pelo telefone celular, o tom do discurso. "Com quem o senhor estava falando, senador?", perguntou a repórter. Távola apenas riu.

Três semanas depois que a Polícia Federal encontrou R\$ 1,34

milhão no cofre da Lunus, empresa de Roseana e do marido Jorge Murad, Sarney fez um discurso forte contra Fernando Henrique, mas deixou a impressão de que a legitimidade de suas palavras estava comprometida pelo tempo. O ex-presidente citou reportagem da revista *Carta Capital*, publicada há um ano, sobre a arapongagem entre aliados do governo. Não explicou, no entanto, por que silenciou na época da publicação da matéria. Denunciou problemas na gestão de Serra no Ministério Saúde, mas tampouco explicou por que antes não falara nada sobre o assunto.

"Será o caso do Maranhão a diligência mais urgente neste país? Onde está o inquérito do Ministério da Saúde sobre o lobista Paes dos Santos, sobre a suspeita de um senhor Duarte, recebendo quantias comprovadas em suas contas? O senhor Alexandre Santos até hoje não foi ouvido", dizia. O senador José Serra não estava presente. "Sem o Serra isso aqui perde a graça", brincava Maria Fernandes Aguiar, uma professora aposentada que saiu de casa no Guará e foi até o Congresso na expectativa de

testemunhar um duelo de titãs.

Não houve duelo. O plenário estava vazio de governistas e cheio de oposicionistas. Deputados do PT saíram da Câmara e foram até o Senado assistir Sarney. Ele fez jus ao show. Por oito vezes, brandiu documentos e jornais. Os fotógrafos adoraram. Sem esconder a mágoa com o governo, o ex-presidente reclamou da operação policial no Maranhão e contou que já tinha conversado com Fernando Henrique e seus ministros sobre suspeitas de que Roseana estava sendo investigada por arapongas contratados por políticos do PSDB, como deputado carioca Marcio Fortes.

MEDO

"Falei ao presidente de denúncias que me chegaram. Agentes da Abin (Agência Brasileira de Informação) se tinham deslocado para o Maranhão, Piauí e Pará, devassando nossas vidas, de minha família, de meus amigos", disse Sarney. Ao contrário das expectativas, as alfinetadas do ex-presidente não chega-

ram ao campo pessoal. O senador não denunciou familiares do presidente. Mas comparou Fernando Henrique com a escória da política internacional.

Sarney confessou que em conversas particulares com o presidente o alertou para alertar para vigiar "seus maus amigos" e lembrou o exemplo de Nixon (Richard Nixon, ex-presidente dos EUA, que sofreu processo de impeachment pelo episódio que ficou conhecido como Watergate), quando tentou derrotar seus adversários "por métodos amorais".

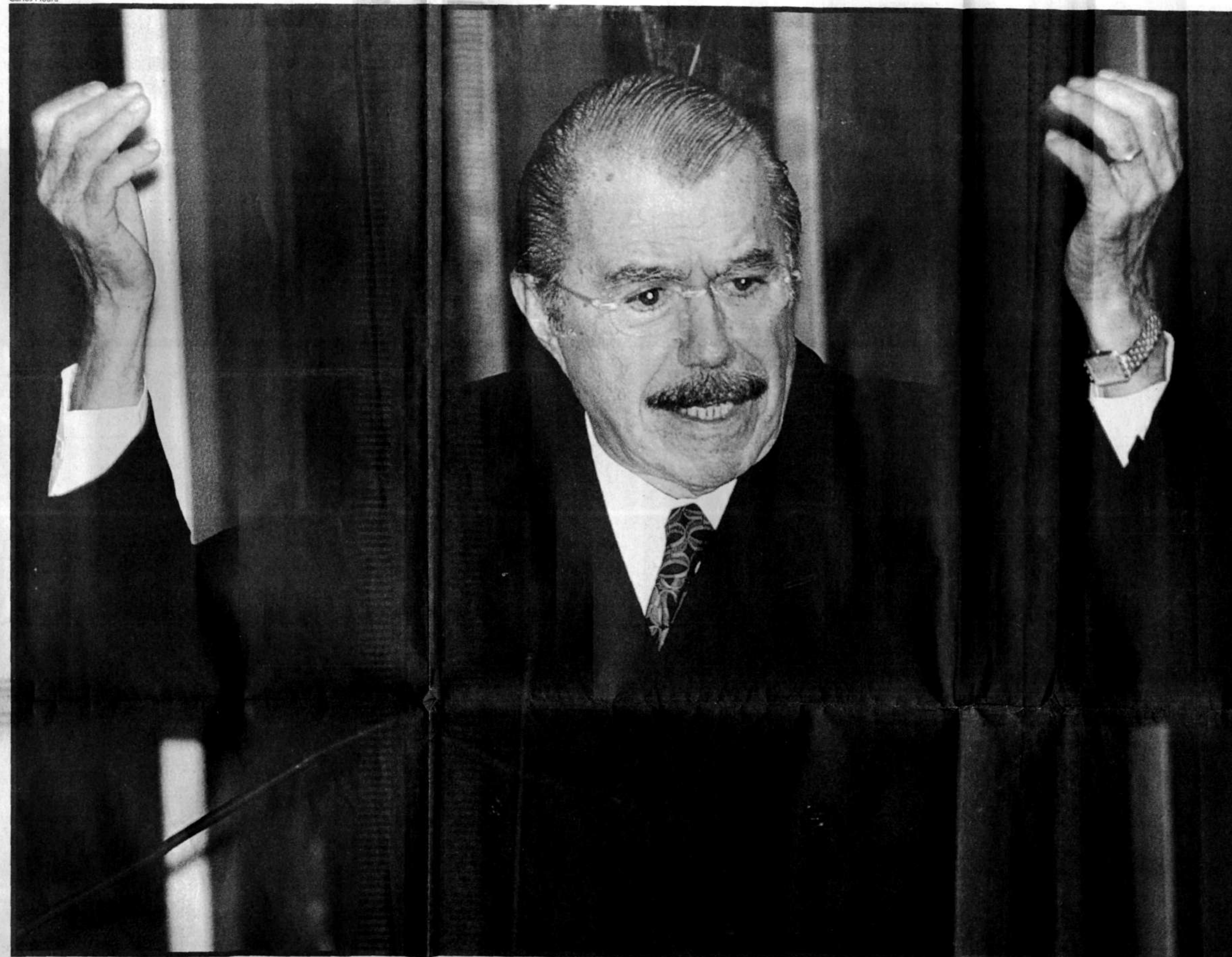
As frases de efeito se misturaram com comparações agressivas. Chegou a equiparar o Brasil ao Peru de Fujimori. "Um amigo, diplomata estrangeiro, me disse que o Brasil está muito parecido com o Peru do tempo de Fujimori", acusou.

O senador pelo Amapá está convencido de que as investigações sobre sua filha foram manipuladas politicamente. Diz que Roseana foi vítima de arbitrariedade apenas porque estava subindo nas pesquisas eleitorais.

"O que vejo no Brasil de hoje é o medo dos dossiês, das escutas, da espionagem na vida privada das pessoas. Todos têm medo. Ninguém tem confiança de que o aparato estatal não seja jogado contra si", dizia, enquanto um grupo de crianças e adolescentes, que visitava as galerias, ouvia parte do discurso e ia embora achando tudo muito divertido.

Na saída, um desses adolescentes, Frederico Albuquerque, de 17 anos, brincou. "Vi o Sarney falando desse negócio de telefone grampeado e detetives, mas se alguém for na minha casa me investigar não vai encontrar aquele dinheiro dentro de um cofre".

Carlos Moura



JOSÉ SARNEY: "O QUE VEJO NO BRASIL DE HOJE É O MEDO DOS DOSSIÊS, DAS ESCUTAS, DA ESPIONAGEM NA VIDA PRIVADA DAS PESSOAS. TODOS TÊM MEDO. NINGUÉM TEM CONFIANÇA DE QUE O APARATO ESTATAL NÃO SEJA JOGADO CONTRA SI"

## Liturgia de ex-presidente

Eumano Silva  
Da equipe do Correio

A operação de busca e apreensão na empresa da governadora Roseana Sarney, do Maranhão, foi remoldada durante vinte dias pelo senador José Sarney, pai da candidata do PFL à Presidência da República. Numa repetição do que aconteceu no início do ano passado com o ex-senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), durante quase três semanas Sarney colecionou denúncias contra o governo Fernando Henrique Cardoso. O tom do discurso feito ontem foi decidido na noite de segunda-feira, quando o texto final começou a ser redigido.

O objetivo de Sarney foi, desde o início, atingir Fernando Henrique, com a preocupação de não se deixar dominar pela raiva. Controlou-se para não cair na tentação de baixar o nível da discussão. Ex-presidente da República, quis antes de mais nada preservar a liturgia do cargo, um preceito cultuado com zelo desde o tempo em que ocupava o Palácio do Planalto.

O discurso foi conduzido para ser o recado de um ex-presidente para um presidente. "Vou falar e esperar para ver o que o Fernando Henrique vai fazer", disse Sarney a um amigo no início da semana passada. "Acho que ele vai reagir e só depois disso a briga vai começar para valer", explicou.

A disputa com Fernando Henrique transcende a mágoa pela ação policial contra a filha Roseana. Membro da Academia Brasileira de Letras, Sarney quis dar ao discurso uma dimensão intelectual que concorresse com o currículo do atual presidente da República. Essa preocupação explica as referências eruditas do pronunciamento, como o Padre Antonio Vieira. A vaidade intelectual sem dúvida é uma característica do ex-presidente. Mas o nível elevado do discurso serviu também para justificar a omissão dos R\$ 1,3 milhão encontrados na Lunus, um assunto menor no padrão que Sarney quis dar ao discurso.

Sarney aguarda a repercussão do discurso para definir os próximos passos, mas está decidido a voltar à tribuna mais duas vezes para atacar Fernando Henrique e José Serra. Enquanto isso, junta documentos com denúncias contra o presidente. Trabalha dia e noite para conseguir alguma prova contundente das denúncias que fez, ou de outras que guarda. Ainda assim, promete não baixar o nível.

SAÚDE E LITERATURA

Doze anos depois de deixar o Palácio do Planalto, Sarney preparava-se para dedicar-se inteiramente à literatura. Com problemas de saúde, queria deixar a política com os filhos. O crescimento de Roseana nas pesquisas eleitorais fez o ex-presidente mudar os planos para tentar levar um segundo integrante da família ao Palácio do Planalto. Exposta aos ataques dos adversários, a governadora sem querer acabou com a tranquilidade pretendida pelo pai.

As pessoas que conviveram com Sarney nas últimas semanas o descreveram como um homem irado, diferente do senador altivo que subiu ontem à tribuna do Senado. Foi preciso superar a crise familiar gerada pela ação da polícia. Valeu para isso a experiência conquistada durante quase cinquenta anos de vida pública, com muitos momentos de tensão. Em 1984, por exemplo, chegou a uma reunião do antigo PDS com uma arma na cintura. Na ocasião, Sarney presidiu o partido e liderava a dissidência que ajudou a eleger Tancredo Neves no Colégio eleitoral.

O conteúdo do discurso foi discutido pelo ex-presidente até a manhã de ontem. Antes de seguir para o Senado, falou pelo telefone com o deputado Aloísio Mercadante (PT-SP). Sarney procurou Mercadante para avisar que pretendia propor a vinda de observadores internacionais para garantir a lisura das eleições de outubro. A sugestão havia sido feita antes por Luiz Inácio Lula da Silva, o candidato petista a presidente.

Sarney aguarda a repercussão do discurso para definir os próximos passos, mas está decidido a voltar à tribuna mais duas vezes para atacar Fernando Henrique e José Serra. Enquanto isso, junta documentos com denúncias contra o presidente. Trabalha dia e noite para conseguir alguma prova contundente das denúncias que fez, ou de outras que guarda. Ainda assim, promete não baixar o nível.